

## O QUE FAZEMOS COM O QUE FAZEM CONOSCO... TRILHAR CAMINHOS EM INTERAÇÃO

## WHAT WE DO WITH WHAT THEY DO WITH US... PATHWAYS AND INTERACTIONS

## LO QUE HACEMOS CON LO QUE HACEN CONNOSOTROS... CAMINOS EN INTERACCIÓN

Teresa Sarmiento<sup>1</sup>  
Tsarmiento@ie.uminho.pt

Conceição Leal da Costa<sup>2</sup>  
mclc@uevora.pt

### RESUMO

Os professores desenvolvem-se numa teia relacional, com crianças, pais, pares profissionais, e outros. Esta investigação internacional recorre a narrativas biográficas para construção de conhecimento sobre identidades profissionais e vidas de professores. As questões de partida são: As crianças e os EE têm algum papel no trabalho dos professores? Qual o seu papel na vida das crianças e das suas famílias? Como conjugam expectativas profissionais com as das famílias? Os resultados desocultam múltiplas oportunidades de interação que os docentes vivenciam no quotidiano, enfatizando as emocionalmente mais impregnantes ou mais formativas, em que as crianças constituem o grupo central das interações referidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** IDENTIDADES PROFissionais; NARRATIVAS BIOGRÁFICAS; INTERAÇÕES EDUCATIVAS.

### ABSTRACT

Teachers development occurs in a relational web, with children, parents, professional peers, and others, in a context. This international research uses biographical narratives to build knowledge about professional identities and teachers' lives. The starting questions are: Do children and tutors have any role in the work of teachers? What is their role in the lives of children and their families? How do they combine professional expectations with those of families? The results uncover multiple opportunities for interaction that teachers experience in daily life, emphasizing the more impregnating or more formative ones, in which children constitute the central group of the mentioned interactions.

<sup>1</sup> Universidade do Minho

<sup>2</sup> Universidade de Évora

**KEY WORDS:** PROFESSIONAL IDENTITIES; BIOGRAPHICAL NARRATIVES; EDUCATIONAL INTERACTIONS.

## RESUMEN

Los profesores desarrollan una red relacional, con niños, padres, parejas profesionales y otras personas. Esta investigación internacional recurre a narraciones biográficas para la construcción de conocimiento sobre identidades profesionales y vidas de profesores. Las cuestiones de partida son: ¿Los niños y los EE tienen algún papel en el trabajo de los profesores? ¿Cuál es su papel en la vida de los niños y de sus familias? ¿Cómo conjugan expectativas profesionales con las de las familias? Los resultados revelan múltiples oportunidades de interacción que los docentes experimentan en los cotidianos, enfatizando las emocionalmente más impregnantes o más formativas, en que los niños constituyen el grupo central de las interacciones mencionadas.

**PALABRAS CLAVE:** IDENTIDADES PROFESIONALES; NARRACIONES BIOGRÁFICAS; INTERACCIONES EDUCATIVAS.

## INTRODUÇÃO

O presente texto decorre de uma investigação internacional, desenvolvida por investigadoras portuguesas e brasileiras, com o foco na construção de conhecimento sobre identidades profissionais e vidas de professores. Sustentada na designação de “O que fazemos com o que fazem conosco... identidades profissionais em (re) construção”, e com a finalidade de analisar como as identidades profissionais comportam mudanças a nível dos princípios e finalidades educativas dos professores, a investigação tem como principais objetivos compreender como repercutem, na construção de saberes e na ação profissional, a evolução do conhecimento de diferentes ciências da educação, as alterações organizacionais, a formação de professores, as dinâmicas sociais, a(s) ideologia(s) educacional(is) vigente(s), as interações com crianças e outros, e as experiências de vida pessoal. Neste artigo focalizamos as interações, dimensão muito referida nas vozes das profissionais. O interesse da nossa pesquisa reside exatamente aqui: assumindo que o processo educativo se desenvolve na base de interações entre crianças e destas com adultos; reconhecendo e assumindo um posicionamento crítico sobre as perspectivas verticalistas de assunção do poder dos adultos sobre as crianças; e, sustentando-nos de um referencial teórico que reconhece o peso das imagens de criança e de infância como determinantes da ação pedagógica, interessa-nos, por agora, desvelar essas

imagens para, em futuros estudos, analisar o reflexo delas no cotidiano educativo das crianças.

Assim, neste estudo parcelar, com base em narrativas biográficas de seis educadoras de infância e três professores do 1º Ciclo do ensino básico, realizamos uma análise interpretativa das interações que docentes tecem com crianças e encarregados de educação (EE). Desvelando configurações da sua agência, em especial, a emergente de tais relações, buscamos responder, fundamentalmente, às seguintes questões: As crianças e os EE têm algum papel no trabalho dos Educadores/Professores? Qual o papel dos Educadores/Professores na vida das crianças e das suas famílias? Como conjugam expectativas profissionais com as das famílias? Ao longo das suas trajetórias, as interações com as crianças tiveram diferentes contornos? E com os pais? As interações estabelecidas com crianças e EE têm promovido o seu desenvolvimento pessoal e influenciado a sua identidade profissional?

A abordagem metodológica do estudo mobiliza os métodos biográficos, particularmente as histórias de vida, procurando nós, enquanto investigadoras, *pensar* com as histórias e não sobre as histórias, querendo com isto dizer que pretendemos construir conhecimento na interação que estabelecemos com a audição, leitura e reflexão com os sujeitos e as suas narrativas, e não na aplicação de conhecimento teórico sobre essas narrativas, na assunção de que “Observando, escutando, recordando, atuando e escrevendo, aprendemos de nós e das crianças, da e na profissão” (COSTA e NUNES, 2016, p.119). Nas histórias de vida recolhidas junto de educadoras e professoras do 1º Ciclo que têm entre 25 a 30 anos de serviço com crianças de 0 a 12 anos, buscamos, então, as referências às interações com crianças e respetivos pais, procurando desvelar as suas representações e perceções de como estas aconteceram e deram sentido a uma vida em relação e em contexto, complexificando a profissão docente e as identidades das suas profissionais.

Os primeiros resultados do estudo desocultam múltiplas oportunidades de interação que os docentes vivenciam no quotidiano educativo, enfatizando as emocionalmente mais impregnantes ou mais formativas: as crianças constituem o grupo central das interações referidas, mas o contacto com os pais está também muito presente. A análise das narrativas revela que o tipo de interação professores/EE não difere muito, consoante se trate de educadores de infância ou de professores do 1º Ciclo. A inserção em redes com pares profissionais é evidenciada como muito relevante, sobretudo no relato das experiências dos últimos anos. As narrativas constituem-se como alicerces fundamentais na (re)construção das identidades profissionais; revelam, enfim, que os docentes, enquanto profissionais em desenvolvimento, são processo e produto da formação e, assim, agentes de humanização da educação e da escola.

## MÉTODOS BIOGRÁFICOS: CONSTRUIR CONHECIMENTO COM AS VOZES DOS SUJEITOS

A aposta em métodos biográficos decorre da nossa crença científica e prática empírica, de que o conhecimento sobre percepções e representações sociais obriga a ouvir os sujeitos, neste caso, as educadoras ou professores, sobre as suas experiências e, para além disso, os sentidos que eles elaboram e como discorrem sobre essas experiências, atribuindo-lhes, então, uma dimensão de conhecimento (JOSSO, 2007).

Ouvir essas profissionais evidenciou-se como a forma mais adequada de aceder à “inteligibilidade do social produzido pela interpretação dos percursos de vida” (CLANDININ, CONNELLY, CONINK e GODARD, 1989, p.23), abrindo-nos à audição de narrativas sobre interações com crianças, famílias, elementos da comunidade, o que nos permite aceder às interpretações subjetivas sobre incidentes significativos para as mesmas, e que nos revelam a sua visão sobre a infância e as formas como entendem a construção das suas identidades profissionais; ou seja, somos narradores e personagens das nossas histórias e das histórias dos outros (CONNELLY; CLANDININ, 1990).

Na perspetiva do interacionismo simbólico, “o significado que as pessoas atribuem às suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais e constitutivos, não acidentais ou secundários àquilo que é a experiência” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.55). Esta corrente teórica parte do princípio de que a experiência humana é mediada pela interpretação, entendendo que os significados dos objetos, das situações e dos acontecimentos são atribuições feitas pelos atores sociais que com eles se relacionam. As memórias sobre situações passadas são sempre sujeitas a um filtro que pode enviesar a visão sobre essas mesmas ocorrências, de acordo com as (re)significações que vão atribuindo às situações. Este processo de distanciamento e, ao mesmo tempo, aproximação que cada um faz com as suas circunstâncias e histórias, enriquece a subjetividade que a sua narrativa comporta, dando maior sustentabilidade a si próprio no seu posicionamento social. O pensar, o sentir, a voz, as crenças, as conceções de cada elemento de um grupo profissional, neste caso de cada educadora de infância ou professor do 1º Ciclo, são elementos constitutivos da sua identidade profissional, com implicações na forma como se relaciona com os outros (crianças, pais, elementos da comunidade) e promove a sua ação educativa (KELCHTERMANS, 1995; BUTT e RAYMOND, 1987; GRANT, 1995; FAVORETO e ENS, 2015).

O ato de narrar, a forma como o faz, repercute já um conjunto de opções do narrador, defende Dubar (1991), o que o leva a fazer transparecer, de forma mais ou

menos velada, os seus valores, as suas motivações, a sua forma de estar na vida, logo, também na profissão, para ir desenhando a sua identidade. As histórias de vida, enquanto metodologia de investigação e, ao mesmo tempo, instrumento formativo, elucidam acerca do como se foi dando sentido à vida, em relação e em contexto (KELCHTERMANS, 2016; RUDD & GOODSON, 2016), numa perspetiva integradora do saber, do fazer e do ser, que nos permitem confirmar que “lógicas fragmentárias na construção de saberes dificilmente servirão às pessoas e processos educacionais humanizantes e promotores de desenvolvimento” (COSTA e NUNES, 2016, p.134). As narrativas permitem ainda compreender características dos contextos e de vivências em que a paisagem educacional e os princípios organizadores do sistema educativo configuram quotidianos (BOURDIEU, 1986; GOODSON, 2015).

Analisar narrativas é uma forma de conhecer como os seres humanos experimentam o mundo, já que, subscrevendo Connelly e Clandinin (1990, p.12), nós, seres humanos, “somos organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas”. Nas narrativas biográficas, educadoras e professores revivem memórias das suas infâncias, produzem uma metanálise das suas experiências nesse tempo outro que viveram enquanto crianças; ao mesmo tempo posicionam-se sobre as infâncias das gerações atuais, idealizando, por vezes, infâncias desejadas (SARMENTO, T., 2016), e nestes posicionamentos vão gizando as suas identidades profissionais. Cada pessoa, ao narrar a sua história, procura “dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra interpretação de si: reinventa-se.” (PASSEGGI, 2011, p.147). Esse é um dos princípios das escritas de si, da dimensão autopoiética da reflexão biográfica. Entre um acontecimento – a referência à sua própria experiência - (...)Tive uma infância muito feliz, nasci com todo o espaço do mundo, com a possibilidade de viver o meu dia com a diversidade – e sua significação – o educador tem que deixar muito espaço para o grupo brincar, interagir, resolver os seus conflitos entre os pares (Graça, EI) – acontece o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo. Assim, “a experiência constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. Isso se faz diante do ato de narrar, (re)interpretar”(PASSEGGI, 2011, p.149).

Para este estudo analisamos narrativas de quatro Educadoras de Infância (EI) e duas professoras do 1º Ciclo (Profª 1ºCc) - Maria (EI), Helena (Prof 1ºCc), Dulce (EI), Cristina (EI), Ana (EI), Maria (1ºCc). Numa breve apresentação destas profissionais cujas narrativas analisamos, poderemos dizer que a Ana nasceu nos anos sessenta, tendo vivido a sua infância em países africanos, antigas colónias portuguesas, com um nível económico bastante estável, num clima favorável a oportunidades de vida ao ar livre, à criação de redes de amigos no espaço público,

tendo regressado a Portugal no período da descolonização, em que, nos primeiros tempos, as condições para a população retornada se apresentavam como muito diferentes das que tinham usufruído anteriormente. Todas passaram a sua infância nesse período de transição, em que a insatisfação social era muito evidente e que mobilizava alguns para a intervenção política. Umhas e outras realizaram os seus cursos de formação inicial num período de desenvolvimento da educação de infância e de acesso a novos conhecimentos no âmbito das ciências da educação. Todas estas educadoras e professoras têm mais do que vinte e cinco anos de experiência profissional, período durante o qual realizaram múltiplas experiências de trabalho, em muitos contextos diferentes (a média de jardins de infância ou escolas por que cada uma passou ao longo deste trajeto é de doze estabelecimentos/localidades diferentes), frequentando formação especializada de vários tipos (tendo todas o diploma inicial de bacharelato, realizaram posteriormente licenciatura, tendo a Ana e a Maria (1<sup>o</sup>Cc) concretizado o mestrado); para além disto, ao longo da carreira realizaram vários tipos de formação contínua. Ao longo das suas vidas têm mantido muitos contatos próximos com crianças para além da atividade profissional, seja na situação de mães, seja como irmãs, tias, catequistas ou outras.

A possibilidade que nos é atribuída de conhecer o pessoal, o mundo da experiência vivida (HOLLY, 1992) de cada educadora de infância, implica a nossa subjetividade, a leitura da realidade social por si elaborada, mediada pela leitura de cada uma destas mulheres, a partir da interação pessoal que se foi construindo nas entrevistas. É assumindo a intersubjetividade que se foi desenvolvendo à medida que interpretávamos o que cada uma narrava, que agora passaremos a apresentar o que elas salientam como relevante nas interações que vivenciaram com crianças e famílias e como tudo isso tem influenciado o seu desenvolvimento profissional e identidades profissionais.

Em termos metodológicos, a análise das narrativas foi orientada pela análise de conteúdo (BOGDAN & BICKLEN, 1994; RIESSMAN, 2008; SARMENTO. T. 2002), a partir da realização de entrevistas biográficas sustentadas num guião aberto, a que se seguiu a leitura repetida e fluente da transcrição das mesmas, a integração em categorias (prévias e emergentes), a identificação de unidades de significado, processo analítico este que viabilizou o diálogo entre investigadoras, sustentado no enquadramento teórico de identidades profissionais e formação de professores, fundamentalmente.

## REFLETIR EM INTERAÇÕES COM AS VOZES DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Como primeiro ponto, salientamos que se tornou muito evidente que os olhares para as crianças mudaram, muito pela ação indireta de documentos como a Declaração Universal dos Direitos da Criança e a Declaração de Salamanca, cujos princípios se encontram vertidos seja nos processos formativos

– Quando frequentei aqui o 1º ano do Mestrado da Sociologia da Infância eu recordei-me de muitas coisas, eram muitas disciplinas que me faziam voltar atrás, atrás a essa infância ... Eu fiz coisas, fiz coisas que os meninos hoje não conseguem fazer, ou não têm oportunidade de fazer, e eu acho que é alguma coisa que tem a ver com isso (ANA, EI)

### Seja pela práticas de observação

– Depois comecei a ver que os alunos, havia estratégias que eles aprendiam determinada matéria, aprendiam mais rapidamente se eu interviesse... se fizesse uma intervenção com a informática” (HELENA, 1Cc) -,

### Seja nas práticas formativas em redes de iniciativa dos próprios profissionais

elementos que estão em rede, a criar ‘o Envolve-te’ e o sentido é criar comunidades de aprendizagem, portanto pegar num elemento-chave e fazer, sem creditação sem nada, grupos de interesse. (MARIA, EI).

Torna-se também evidente que ao mesmo em tempo que dirige a atenção das crianças para a compreensão, o professor aprende constantemente com as próprias crianças (PRAMLING, 2004; SARMENTO, T. 2016): como diz a Cristina (EI) “(...) os grupos fazem o nosso trabalho, há grupos que temos que fazer andar e há grupos que nos fazem andar, que estão sempre a pedir coisas (...)”, ou como salienta a Dulce (EI) “(...) As crianças têm as reações mais estranhas até nós percebermos o porquê, o que é aquela reação e quando acontece, mas é preciso compreendê-las.... Geralmente, é face a essas atitudes, nessas situações que eu acho que ainda preciso de saber muita coisa, quer para abordar os pais quer para os escutar quando me contactam”. Nesta dinâmica interativa “as crianças tomaram centralidade, tornando-se agentes na ação e na formação, de si e dos adultos, partindo-se do que sabiam e não de deficits” (COSTA e NUNES, 2016, p: 133).

Em contrapartida, surgem muitas reflexões que evidenciam as preocupações com as dificuldades que os pais manifestam em atender adequadamente os seus filhos, com reflexos irrefutáveis na interação pais filhos e pais-professores:

(...) porque as pessoas não têm tempo, os pais não têm tempo, não estão disponíveis para os ouvir(...) eles têm necessidade de falar, de escrever às vezes... (...) Quando o relacionamento, por exemplo, de um familiar não está

bem, quando há problemas entre os pais, eles sofrem imenso (...) (MARIA, 1Cc).

Estas mudanças que têm acontecido ao longo das suas trajetórias profissionais foram momentos que marcaram a vida profissional destes professores e que fizeram mudar os seus olhares sobre a criança, o que se tem traduzido em novas formas de trabalhar com as crianças. Vindos de fora, estes olhares são integrados na forma de ver, de pensar e de ser dos professores, o que é incorporado nas suas práticas profissionais, alterando-as; a pessoa/profissional vai-se transformando mediante o contexto externo, a partir da interação que estabelece entre o que é seu (crenças, saberes, valores, práticas) e o que é do contexto (condições sociais, conhecimentos, orientações globais,...).

As alterações a nível das tipologias e dinâmicas familiares encontram-se muito presentes nas narrativas, mobilizadas como muito pertinentes na diferença de interações que se estabelecem e da influência dessas interações nas representações e práticas profissionais: “Ao mesmo tempo que o número [de tipo de famílias] aumenta, o que é dramático, é que cria perante eles uma igualdade, um paralelismo em que eles sentem, se lhes possibilitarmos, partilharem. Dizem, por exemplo: “Eu já sou igual à Maria, porque à Maria por vezes já lhe aconteceu a mesma coisa” (...) eles próprios depois conseguem encaixar-se no contexto, o que passa, quase, a ser normal (...) há um padrão por eles reconhecido, na minha opinião que se está a criar, mas onde eles se integram e não se sentem sozinhos” (DULCE, EI). Neste ‘o que é dramático’, a Educadora revela o seu posicionamento face a alterações sociais a ocorrerem, obrigando-a a repensar as suas interações no reconhecimento de como a aceitação das novas tipologias se justifica pelo facto de a normalização da aceitação destas situações conferir segurança às crianças.

As identidades profissionais obrigam a analisar processos de construção social contingentes, que se articulam com o tempo e as circunstâncias, na diferenciação e na generalização (DUBAR, 1991; SARMENTO, T. 2009, 2015), o que nesta dimensão, dada a complexidade das interações exigidas, se torna muito premente.

Para influenciar um real desenvolvimento dos professores em contexto, as interações precisam ser entendidas como fazendo parte do problema mas também, ou ainda mais, da solução (IMMANTS, 2002; FERRAROTTI, 2013), pelo que espaços de comunicação e de diálogo, de saber e de relação afetiva são fundamentais (KELCHTERMANS, 2016; COSTA & NUNES, 2016). Se, como diz a Maria (EI), há “uma equipa, porque é os pais, é a associação de pais, é a própria junta de freguesia, nós sabemos que podemos contar com eles, eles sabem que podem contar conosco e as coisas rolam”, e noutra altura, noutra jardim-de-infância “... eram os pais, eram os filhos, era qualquer coisa assim... porque eram todos qualquer coisa de fora de

série...” (MARIA, EI), também há situações difíceis como relata a professora Helena (Profa. 1º Cc): “Marcou-me muito uma situação de Pereira em que tive que retirar a menina à família. Os pais, os dois, eram alcoólicos e eu é que estava a dar apoio (...) e a GNR veio e eu fui com ela até ao centro de acolhimento. E os pais não sabiam, sequer, que ela ia ser tirada”.

Giroux (1998) defende que os professores são intelectuais críticos e transformadores, que buscam na formação teórica e na reflexão sobre a sua experiência as respostas para as questões que se levantam no quotidiano. Enquanto intelectuais críticos e transformadores, os professores exercem “[...] ativamente a responsabilidade de propor questões sérias a respeito do que eles próprios ensinam, sobre a forma como devem ensiná-lo e sobre os objetivos gerais que perseguem” (GIROUX, 1998, p.176); ou seja, para além ou mesmo antes dos conteúdos académicos, os professores de crianças pequenas aprendem e trabalham a partir da relação que estabelecem com as crianças, as famílias e a comunidade, intervindo pouco a pouco na transformação social. Conta a Maria que em determinada altura desenvolveu um projeto em que:

envolv(eu) a comunidade também, havia carpinteiros que também tinham lá filhos, havia mecânicos e nós; consegui envolver aquela gente toda, e conseguimos montar então o parque, que era o único parque que havia na freguesia, com baloiços, com pneus...fizemos para lá umas coisas engraçadas...e pronto, acho que foi a primeira vez que eu percebi que aquilo que eu tinha tirado no curso e aquilo que eu tinha estagiado às vezes pode não ser igual em todos os sítios, e foi uma experiência espetacular, adorei! (Maria, EI).

Entre o ‘consegui’ e o ‘conseguimos’, com base na sua reflexão crítica e na satisfação pessoal, bem como na crença no valor do ‘nós’ quando se trata da educação de crianças, neste jardim-de-infância efetivaram-se práticas de comunidade educativa, com efetivo reconhecimento da Educadora de como se mobilizam conhecimentos prévios e, ao mesmo tempo, se geram novos e diferenciados tipos de saberes.

A interação de profissionais entre si, inseridos de uma forma mais ou menos estatutária em grupos ou associações, constitui um pilar na promoção do desenvolvimento profissional. Conta a Cristina, educadora de infância, que desafiou um colega do Conselho Pedagógico e uma das suas turmas, professor do 2º Ciclo – “eles tinham um blogue e estavam a ler, O Gato Malhado e a Andorinha (...) lancei-lhes o desafio ‘olha, era giro vocês escreverem uma história e os meninos do jardim, e as crianças do jardim, ilustrarem’ (...) e aquilo acabou por ser um projeto para todos... e foi muito giro”. Na relação com professores de outros ciclos ou do mesmo nível educativo – “... converso muito com pessoas, outros educadores, e gosto sempre de ouvir a opinião, e isso vai-nos fazendo refletir, nós ouvindo os outros, ou lendo coisas que eles escrevem...” (Cristina, EI) – a reflexão efetiva-se e o desenvolvimento

profissional acontece, o que se torna muito pertinente seja “para o contexto da sala de aula mas também para a mudança social, em que a educação se constitui uma força motora” (SACHS, 2009). Ou seja, na linha que vimos a defender, cada sujeito historiado tem valor em si mesmo enquanto pessoa, tendo igual relevância enquanto profissional do humano, elemento integrante de um grupo cuja principal intencionalidade nas práticas pedagógicas e trabalho com comunidades, nas escolas e em contextos que a circundam, se direcionam à educação de crianças.

## UMA SÍNTESE POSSÍVEL

Numa breve síntese sobre o estudo que aqui apresentamos, realçamos quatro ideias centrais que decorrem da análise das narrativas a que estas docentes nos deixaram aceder:

1. Ao longo das trajetórias profissionais verifica-se uma (re)configuração do papel do professor perante as crianças, a qual resulta de múltiplos fatores, tais como as experiências pessoais (de jovens à situação de mães, avós, ...) e profissionais (com crianças, famílias e comunidades diversas, em diferentes fases de desenvolvimento profissional e com a formação inicial e contínua) que vão vivenciando.
2. A constante necessidade de conhecimento e (re)adaptação que emerge da compreensão de novos contextos sociais, organizacionais, legislativos, ideológicos e tecnológicos.
3. A relevância da participação, da internacionalização, da mundividência, da visibilidade e autonomia dos diversos atores, seja para a redefinição das identidades docentes, seja para a educação escolar das crianças.
4. A pertinência do trabalho em rede, com base em múltiplas interações com outros professores, pais e crianças, viabilizando novos processos de emancipação profissional, em que a agência, o desenvolvimento e a humanização acompanham os processos de (trans)formação de professores e a ação educativa com as crianças.

## NOTAS EXPLICATIVAS

<sup>i</sup> Conceição Passeggi (2011, p. 156) apoia-se em Humberto Maturana e Francisco Varela, autores que em 1970 criaram este neologismo para designarem a capacidade de os seres vivos se produzirem a si próprios. A etimologia grega deste termo – Autopoiése: do grego (autos), “próprio”; (poiésis), criação, invenção, produção – passou

posteriormente para as ciências sociais e humanas para se referir à capacidade humana de se autorregular, autoadequar, autoinventar.

ii 25 de Abril de 1974 é a data da Revolução dos Cravos, em Portugal, a qual vem pôr fim ao período de ditadura e introduzir o regime democrático, abrindo as possibilidades a novas práticas de participação política e comunitária que evidenciam novos valores e preocupações sociais. A descolonização acontece nessa altura, regressando grande parte dos portugueses ao território nacional.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora. 1994.

BOURDIEU, Pierre. “L’illusion biographique”. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, 1986, p. 69-72

BUTT; Richard; RAYMOND, Danielle. Arguments for using qualitative approaches for understanding teacher thinking: a case for biography”. **Journal of Curriculum Theorizing**, 7-1,1987, p. 62-93

CONNELY, Michael & Clandinin, Jean. Stories of experience and narratives inquiry. **Educational Researcher**, 14(5), 1990, p. 2-14

COSTA, Conceição e NUNES, Sandra. Tornar-se Educadora/Professora – palavras que contam como foi! **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 47, 2016, p. 119-136

DUBAR, Claude. **La Socialisation** : construction des identités sociales et professionnelles. Paris : Armand Colin.1991.

FAVORETO, Elizabeth; ENS, Romilda. Pesquisas com crianças: contribuição para se repensar a prática pedagógica na educação infantil e os cursos de formação de professores. *In*: ENS, Romilda; GARANHANI, Marynelma (Orgs.). **Pesquisa com Crianças e a Formação de Professores**. Curitiba: PUCPRESS, 2015, p.45-72

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a Ciência da Incerteza**: o método biográfico na investigação em Ciências Sociais. Mangualde: Ed. PEDAGO e Ed. MULEMBA, 2013.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

GOODSON, Ivor. **Narrativas em educação: A vida e a voz dos professores**. Porto: Porto Editora, 2015.

GRANT, Grace. Interpreting Text as Pedagogy and Pedagogy as Text, Teachers and Teaching. **Theory and practice**, 1-1, 1995, p. 87-100

HOLLY, M<sup>a</sup> Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. *In*: Nóvoa, A. (Org.). **Vidas de professores** Lisboa: Porto Editora, 1992, p.79-110.

IMANTS, Jeroen. Restructuring schools as a context for teacher learning. **International Journal of Educational Research**, 37 (8).2002, p. 715-732

JOSSO, M<sup>a</sup> Christine. A Transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, 3 (63), 2007, p. 413-438

KELCHTERMANS, Geert. A utilização de biografias na formação de professores. **Aprender**, n.18, 1995, p. 5-20

\_\_\_\_\_. O comprometimento profissional para além do contrato: autocompreensão, vulnerabilidade e reflexão dos professores. *In*: ZEMBYLAS, M. and SCHUTZ, P. A. (eds.). *Methodological Advances in Research on Emotion and Education*. Switzerland: **Springer International Publishing**, 2016, p. 31-42.

PASSEGGI, M<sup>a</sup> da Conceição. A experiência em formação. **Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2011, p. 147-156

PRAMLING, Samuelsson. How do children tell us about their childhood? **Early Childhood Research & Practice** (ECRP). <http://ecrp.uiuc.edu/v6n1/index.html>.2004.

RIESSMAN, Catherine. **Narrative Methods for the Human Sciences**. CA, USA: SAGE Publications, 2008.

RUDD, Tim; GOODSON, Ivor. Refraction as a Tool for Understanding Action and Educational Orthodoxy and Transgression. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. São Cristóvão, Sergipe, Brasil, 9 (18), 2016, p. 99-110

SACHS, Judyth. Aprender para melhorar ou melhorar a aprendizagem: O dilema do desenvolvimento profissional contínuo dos professores. *In* FLORES, M. A. & VEIGA SIMÃO, A. M. (Orgs.). **Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional de Professores: Contextos e Perspectivas**. Lisboa: Edições Pedagogo, 2009, p. 99-118

SARMENTO, Teresa. **Histórias de Vida de Educadoras de Infância**. Lisboa: IIE,2002.

\_\_\_\_\_. Contextos de Vida e Aprendizagem da Profissão. In: FORMOSINHO, J. (Org.), **Sistemas de Formação de Professores: Saberes Docentes, Aprendizagem Profissional e Acção Docente**. Porto: Porto Editora, 2009, p.303-327

\_\_\_\_\_. Identidades profissionais e contextos de trabalho na educação de infância. In: FERREIRA, F e ANJOS, Cleriston (Org.), **Educação de Infância: formação, identidades e desenvolvimento profissional**, Maceió: De Facto Editores, 2015, p. 69-86

\_\_\_\_\_. Infâncias e crianças em narrativas de educadoras de infância. In: PASSEGGI, FURNALETTO e PALMA (Org.) **Pesquisa (auto)biográfica, infâncias, escola e diálogos intergeracionais**, Curitiba: Editora CRV. 2016, p. 77-94.

## SOBRE AS AUTORAS

TERESA SARMENTO. Doutora em Estudos da Criança, Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho-Portugal, Diretora do Curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico daquela universidade, membro interno do Centro de Investigação em estudos da Criança (CIEC), onde se tem dedicado à investigação sobre narrativas (auto)biográficas, problemáticas da infância e formação de profissionais da educação, cujos resultados se encontram difundidos em múltiplas publicações no país e no estrangeiro. Tem desenvolvido trabalho de consultoria especializada na área de género na União Europeia e de políticas educativas para a infância em Angola e São Tomé e Príncipe. Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI, com a referência POCI-01-0145-FEDER-007562, no âmbito da investigação desenvolvida no CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, no qual é membro integrado). ORCID: 0000-0002-2371-399X.

CONCEIÇÃO LEAL DA COSTA. Doutora em Ciências da Educação, Professora Auxiliar do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e membro da Comissão Executiva e de Acompanhamento do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico daquela universidade. É investigadora do Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP|UE) e colaboradora do Collège International de Recherche Biographique en Éducation (CIRBE). Os seus interesses na investigação narrativa em Educação focam, sobretudo, as problemáticas

da aprendizagem, da formação e do desenvolvimento profissional, participando de diversos projetos internacionais de pesquisa em rede e das respectivas publicações, nomeadamente no Brasil. Este texto é um dos produtos resultantes de um projeto desenvolvido em equipa interuniversitária e internacional que as autoras integram. Contou com o apoio e financiamento de Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no âmbito da investigação desenvolvida no CIEP|UE (Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora) do qual é membro integrado. ORCID: 0000-0003-3299-6845X.

RECEBIDO: 04/02/2019.

APROVADO: 14/02/2019.